

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Um círculo tortuoso ou virtuoso?¹

Cyana Leahy-Dios²

Minha fala se abre a partir da reflexão sobre as seguintes questões: o que faz a maioria dos autores e tradutores, professores universitários e pesquisadores embarcar no sonho prazeroso e frustrante de editar livros? Com quantos títulos se faz um sucesso editorial? Quantos prêmios literários são necessários para um best seller? Quais são os índices de sucesso e de fracasso? Qual é o nó da questão e como desatá-lo? O mercado editorial comporta aventuras de amor ao livro? Quem edita, por que e para quê?

Fui convidada para este I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, comemorando o sesquicentenário da fundação da Editora Francisco Alves, para falar de minha pequena experiência editorial, em mesa-redonda nomeada ‘Experiências editoriais singulares, da tipografia à Internet’. Não sei se minha experiência editorial é exatamente singular; talvez eu escolhesse outros adjetivos para a qualificar. Certamente é uma experiência corajosa, idealista, teimosa, insistente, destinada a não dar certo comercialmente. Mas por enquanto não penso em desistir. Mais adiante explicarei por quê. Primeiramente, gostaria de contextualizar essa empreitada, para quem não me conhece. Afinal, um pouco de história não faz mal a ninguém – seja da Carochinha ou dos tempos.

Alguma história

Crescemos, minha irmã e eu, em meio a livros, filhas de grandes leitores – Hilton e Cypriana. Às vezes penso que o acompanhamento médico pré-natal deveria

¹ Texto apresentado na mesa ‘Experiências editoriais singulares’, no I Seminário Nacional do Livro e da História Editorial, promovido pelo IACS – UFF e Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro (8 a 11 de novembro de 2004).

² PhD em Educação Literária (Universidade de Londres). Professora universitária e pesquisadora, tradutora e escritora de poesia, ficção e ensaios. Desde 2003 é editora (C.L. Edições).

incluir a educação dos pais para a leitura em casa, na biblioteca pública, na escola. Filhos de pais leitores dificilmente não o serão também. No meu caso, diferentemente da maioria dos leitores e escritores que conheço, para provável decepção dos distintos leitores, não atribuo a Monteiro Lobato a base de minha formação literária, embora a biblioteca de casa tivesse sua obra completa (infanto-juvenil e adulta). Minha memória de leitura na infância vem da coleção infantil de Érico Veríssimo – *Primo Basílio*, *Aventuras do Aviãozinho Vermelho*, *Urso com Música na Barriga* etc. – além dos gibis com contos fantásticos, como o que ganhei de meu pai no primeiro dia de escola: ‘O Príncipe Valente’. Em preto e branco, vinha com lápis de cores para ser devidamente colorida após a leitura.

Fui alfabetizada aos 4 anos, no colo de minha mãe: ela trabalhava no antigo IAPI, no centro do Rio, e eu ficava numa creche vizinha. Morávamos no Flamengo, e todos os dias íamos para casa de bonde. Para que eu não dormisse, ela ia lendo os letreiros das lojas, e explicando os sons. Fui alfabetizada por esse método empírico, eficiente como qualquer outro. Por muito tempo associei minhas primeiras letras ao anúncio da Casa Neno (‘serve bem ao grande e ao pequeno’), em imensas lantejoulas prateadas que tremulavam ao vento do final da tarde. Eram as ‘letras com frio’ da minha infância. Até que um dia, para espanto geral, decodifiquei a manchete do jornal que meu pai lia, sendo oficialmente declarada alfabetizada. Alfabetizada sim, letrada, ainda não.

Um ano depois, comecei a ganhar revistas e livros, como a citada coletânea de Érico Veríssimo, onde se lê, até hoje, a preciosa dedicatória de meu pai: ‘Para Alginglans ler e Alduchas ouvir’, seguindo a prática cultural irlandesa da leitura oral. Alduchas era Dulce, minha irmã recém-nascida. Daí em diante, grande parte dos acontecimentos importantes em minha vida tiveram alguma associação com livros e leitura: criança tímida, me aproximei de Natércia, a bibliotecária da escola, que me autorizava a lá ficar, sozinha, na hora do recreio. Eu devorava livros e ela indicava novos títulos. Quando meu pai enfartou e morreu, eu lia *Mulherzinhas (Little Women)*, de Louise May Alcott. Ler me ajudou a conviver com o torvelinho de emoções inesperadas, com a dor da perda, a saudade, a insegurança. Entrando na adolescência, minha rebeldia silenciosa se limitava à leitura dos livros ‘proibidos’ por minha mãe, escondidos no alto da estante (nada que a escada da cozinha não alcançasse): tratava-se da obra de Eça de Queiroz, proibida para menores devido ao erotismo sensual do *Primo Basílio* e do *Crime do Padre Amaro*. Então, depois de Eça, veio Machado, um raro prazer.

Profissionalizando a escrita

Entrei para o Curso de Letras na UFF, comecei a dar aulas, sem nunca deixar de escrever – em geral, poemas catárticos, para entender melhor meus próprios sentimentos, para entender o mundo, a vida, o Outro. Em 1988, criei coragem de mostrar alguns a um editor, que imediatamente resolveu publicá-los em livro. *Biombo* saiu em março de 1989, pela Editora Cromos, de Ângelo Longo, meu primeiro editor e grande amigo. Tempos depois, retornando do doutorado na Inglaterra, publiquei *Intima Paisagem* (1997) e *Livro das Horas do Meio* (1999), pela Editora Sette Letras, *A Palavra Impressa* (1999), pela Casa da Palavra; em 2000 saiu minha tese de doutorado pela EdUFF – *Educação Literária como Metáfora Social* – (em 2004 reeditada pela Martins Fontes) e, em 2001, outro livro acadêmico, pela Papirus: *Língua e Literatura: uma questão de Educação?*, com a colaboração de uma então aluna de graduação, a escritora Claudia Lage. Além desses, fiz traduções para várias editoras, como a Bertrand Brasil, a Fraiha, a Casa da Palavra, a Companhia das Letras.

Como a maioria dos autores, eu me julgava injustiçada pelo processo editorial. Como lembra Guinsburg, as relações entre editor e autor são complexas, e muitas vezes a vaidade humana cria situações constrangedoras entre eles. Quem não é da área, imagina que o preço de capa de um livro seja dividido pela metade entre autor e editora. Eu também pensava assim. Afinal, sem a escrita não pode haver livro, e todo autor considera sua obra um ‘best seller’. Na verdade, a editora mais generosa me pagou em livros, um adiantamento de 10% da tiragem, para eu fazer o que bem entendesse com os mesmos. Duas das editoras com quem publiquei jamais fizeram acerto de contas comigo; as demais foram corretas, seguindo os contratos assinados, que rezavam o pagamento de 7% a 10% das vendas. Se fizerem as contas, verão que uma tiragem de até 2000 exemplares, vendida em um ano, renderá tão pouco que nenhum autor poderia viver de seus livros. É bem comum ouvir de candidatos a autores, e mesmo de escritores experientes, a expectativa de enriquecimento súbito e sólido com a publicação de sua obra. Infelizmente, nem todos nascem com o toque de Midas de Paulo Coelho, por exemplo.

A experiência editorial

Os fazedores de livros vão à contra-corrente. Sua obstinação, sua coragem fazem o milagre (Paul ZUMTHOR *in Langue, Texte, Enigme*. Paris: Seuil, 1975, p. 14)

Meu projeto editorial inicial tinha dois focos: literário (ficção e poesia) e acadêmico (ensaios). A pergunta fundamental era ‘como conduzir com sucesso um projeto editorial no mercado brasileiro’, seguida de algumas questões de teor cultural para as quais buscava respostas: a) o aumento do número de alfabetizados/ letrados no país se reflete no número de leitores? b) em termos editoriais, a qualidade gráfica é mais ou menos importante que a qualidade do texto? c) como entender a popularidade de certos autores de qualidade questionável? d) como proceder para atingir um público leitor amplo e variado em nosso país? e) como divulgar um título efetiva e eficientemente? f) quais as dificuldades da distribuição em âmbito nacional? g) com relação às livrarias, seria melhor vender ou consignar? O que está embutido em cada opção? h) como poder remunerar melhor os autores, além do percentual de praxe (7 a 10%)?

Por que editar? Diz Jacó Guinsburg que ‘uma editora não deve ser dirigida por um *expert*.’³ Como o trabalho editorial decorre de estímulos que vêm de fora, há que atentar para o meio, as modificações sociais e transformações culturais, a serem sintetizadas pelo editor na editora.

É provável que muitos de vocês saibam bem mais do que eu acerca do processo editorial. Vou contar minha experiência, que não é singular, mas apenas pessoal e circular: leitora, escritora, editora. Em 2003, reuni minhas economias e decidi começar a editar livros. Procurei o SEBRAE, busquei diversas formas de orientação, fui à prefeitura, falei com advogados, contadores, achando tudo muito amorfo, muito vago: ninguém respondia a minhas perguntas de forma clara e definitiva. Na verdade, editar é atividade limítrofe entre indústria e comércio, isenta de alguns impostos, mas sujeita ao pagamento de outros; tem possibilidades muito modernas, mas continua atrelada a certas práticas cartoriais bastante antigas. Esse processo dinâmico me levou a refletir sobre a necessidade de aprimoramento de minhas tentativas de ação.

³ Esta e as demais citações no texto foram retiradas do livro FERREIRA, Jerusa Pires; GUINSBURG, Jacó et al. *Livros, Editoras & Projetos*. São Paulo: COM/ARTE/ Ateliê Editorial/ Bartira Editora, 1997.

Encontrei a Universidade do Livro, que integra a UNESP, em São Paulo. Lá fiz cursos de planejamento editorial, divulgação, distribuição, produção do livro etc. com expoentes do meio acadêmico e editorial. Na platéia, encontrei pessoas como eu, editores incipientes, livreiros inexperientes, alguns autores tentando alçar vôo solo – todos acreditando na possibilidade de trabalhar com livros, a maioria começando com algumas economias, muita boa vontade, vontade de acertar, coragem de trabalhar com afínco. Algumas informações foram preciosas, e as repasso a vocês: há no Brasil mais editoras que livrarias; são publicados em média 50 novos títulos por dia no país (incluindo-se aí livros didáticos, traduções, paradidáticos, infanto-juvenis etc.), e não há como encontrar leitores para tantos livros. As dimensões continentais do país são outro empecilho editorial, pois o acesso a determinadas regiões brasileiras é extremamente difícil; a maioria das cidades não conta com uma livraria sequer.

Porém, o grande nó de toda a história está na questão da distribuição. Dizem muitos livreiros tratar-se de uma máfia que lucra sobre todos os outros profissionais do livro; já o distribuidor acusa o livreiro de não trabalhar os livros de forma criteriosa e profissional, contratando gente pouco qualificada para a função de orientação e venda, nas livrarias. Todos acusam o autor mediano, sem ‘competência’ para escrever best sellers que atraiam o público leitor e enriqueçam toda a cadeia. Por sua vez, o autor se queixa da editora, que não ‘trabalha’ seu livro à altura da qualidade que ele acredita ter. O leitor fica ao largo da discussão; com pouco dinheiro, frequenta o supermercado, o shopping centre, mas passa longe das livrarias. O que fazer? Para quem produzir livros?

As contas ficam mais ou menos assim: de 7 a 10% do preço de capa vão para o autor, em acertos feitos trimestral ou semestralmente; se a venda é feita diretamente às livrarias, sem o distribuidor, elas ficam com 40 a 55% do preço de capa. Se houver a mediação do distribuidor, ele fica com 55 a 65% do preço de capa; é sua responsabilidade negociar com a livraria e fazer a logística (envio dos livros). Muitos editores se queixam do estado lamentável em que são devolvidos os livros não vendidos. A grande maioria das vendas se faz por consignação, a não ser no caso das grandes editoras, com poder de negociação, que trabalham com pré-venda.

Quanto caberá à editora, nesse cálculo, para conceber, organizar, revisar, criar a capa, produzir o miolo, pagar uma gráfica para imprimir, colar, costurar, chegar ao produto final? Na melhor das hipóteses, indo pessoalmente às livrarias fazer a consignação, 50%; e na pior delas, com a mediação do distribuidor, 25%. Percebe-se sem muito esforço que é missão impossível editar, construir um capital para re-

investimento, e sobreviver da produção de livros, em pequenas tiragens (500, 1000 e 2000 exemplares). Por isso também o livro se torna um produto tão caro e inacessível a grande parcela da população.

Com relação aos métodos e técnicas de editoração, eu já conhecia alguns passos e elementos do processo – a seleção de textos, a produção do objeto livro, as relações entre autor-editor, editor-distribuidor, editor-livreiro, editor-público, os meios de divulgação de cada título, o acesso às firmas de distribuição, a questão da prestação de contas e os percentuais, a visibilidade da editora, o lucro, o re-investimento. Para me sentir menos insegura, estudei o campo, ouvi livreiros, editores, autores e um distribuidor, todos chorando suas mágoas, mas insistindo em continuar. Eu também.

Encontrei na internet o texto da lei que faculta ao editor ser pessoa física ou jurídica, e optei por não abrir firma comercial. Não sei se foi uma decisão acertada, já que as distribuidoras só trabalham com pessoas jurídicas, por causa do pagamento do ICMS. E em agosto de 2003 saía do prelo o primeiro título da Cyana Leahy Edições, pessoa física (abreviada para C.L. Edições nos livros): uma coletânea de meus poemas publicados em 4 livros anteriores, que chamei *Seminovos em Bom Estado*. Foi lançado na 1ª Festa Literária Internacional de Paraty, com a presença do então prefeito, várias autoridades, socialites e amigos. A tiragem foi de 500 exemplares, e na FLIP consegui vender... 8 exemplares. Bem, poesia não tem mercado, não se vende, ninguém compra. Não desanimei, embora o investimento tivesse sido significativo: um artista plástico fez a capa, um designer gráfico preparou o miolo, a impressão foi feita por gráfica excelente, em papel chamois... Intrépida, mandei o livro para todos os jornais e revistas literárias, e consegui uma resenha no *Idéias*, feita pela Regina Zilberman. Insistente, mandei exemplares para escritores e formadores de opinião, gente muito gentil que respondia agradecendo e, em alguns casos, tecendo rasgados elogios e escolhendo o poema predileto – como fez Moacyr Scliar (que elegeu ‘No boteco’).

Nas livrarias, nada. Paciência. No mês seguinte, resolvi reeditar os *Poemas dos Tempos*, cuja primeira edição (2001) se esgotara, escrito em parceria com o recém-falecido músico Fred Schneiter. Haveria uma homenagem póstuma na Sala Cecília Meireles, na qual eu leria poemas de Fred, decidi editar também sua monografia de graduação em Música (UNI-Rio), uma simpática conversa de músicos em que Schneiter entrevista o compositor erudito Luiz Carlos Csekö. Mais dívidas, e a expressiva venda de 15 exemplares de cada título no evento (cada um teve a tiragem de 500 exemplares).

O problema é que quanto menor a tiragem, mais caro fica o preço unitário: editar menos de 500 exemplares se torna inviável. Comecei a me preocupar com o depósito de tantas obras, sem querer iniciar um biotério de traças em casa. Elaborei uma lista das vias de escoamento alternativo, para além do marasmo das livrarias, já que as distribuidoras que procurei se recusaram a trabalhar com meus títulos. Pensei em feiras de livros (oficiais e escolares), encontros com autores (sociais, escolares, universitários), rodas de leitura em escolas, bibliotecas e livrarias, grupos de discussão; criei uma página da editora na internet. Pouco a pouco vendia um livro aqui, outro ali.

Tentava descobrir que assunto todo mundo gosta de ler? O que mais atrai as pessoas? A idéia ousada, inspirada na coletânea *Erótica*, da Editora Brasiliense (1993), foi publicar um livro de contos eróticos. Concebi a idéia de 10 contos, escritos por autoras conhecidas; a cada uma pedi que se concentrasse em uma parte do corpo. Todas as autoras convidadas abraçaram a idéia, inclusive escritoras conhecidas e premiadas como escritoras infanto-juvenis. Para ilustrar o livro, que intitulei *Todos os Sentidos*, o ilustrador Eliardo França gentilmente cedeu telas inéditas da coleção *Jogos de Sedução*.

Com os textos recebidos, iniciei a produção: o registro da obra no ISBN, a escolha da tipologia, os critérios gráficos dos títulos de abertura dos contos, a composição, as medidas. Decidida a apostar em forma e conteúdo, contratei um excelente capista (trabalho sempre com Rodrigo Pádua ou Nicolau Vinciprova) e uma firma de produção gráfica recomendada (Abreu Systems). Fiz um livro policromático, capa e miolo, com ilustrações coloridas, usando papel de qualidade. A impressão a cores, porém, era inacessível para meu bolso. Propus então co-edição à gráfica com a qual vinha trabalhando, e que queria entrar no mercado editorial. A parceria foi a solução para compartilhar custos pesados.

Após a preparação e antes da impressão, é preciso revisar exaustivamente as provas impressas, as provas heliográficas, fazer testes de capa (cor, destaques), junto com a equipe do bureau da gráfica. Enquanto isso, comecei a divulgação: contratei uma assessora de imprensa, agendei lançamentos no Museu Antônio Parreiras, em Niterói, e no Museu do Catete, no Rio; mandei e-mails para mais de 2.000 endereços, enviei bonecas do livro para todos os jornais e revistas de grande circulação no eixo Rio – São Paulo, mandei fazer e entregar mil convites. Consegui o apoio de um bufê criativo, e conseguimos fazer duas festas maravilhosas, com vinho, bufê de sucos, aperitivos etc. Vendemos 68 livros em Niterói e 66 no Rio, de uma tiragem de 1000 exemplares. E não saiu uma resenha sequer, só tijolinhos nos suplementos literários. Meses depois, *Todos*

os Sentidos foi premiado como melhor livro de contos do ano (Prêmio Alejandro J. Cabassa), pela União Brasileira de Escritores (a premiação foi na ABL, no dia 29/10/2004).

Uma pessoa mais sensata desistiria, a essa altura. Eu continuei. Há décadas, alguns editores modelares permanecem no mercado, com lucros mínimos. Costumo manter uma caixa de livros na mala do carro, para qualquer eventual oportunidade de vendas. Mantenho também a página da editora na internet (www.cledicoes.com). Por onde passo, tento visitar livrarias, deixando exemplares em consignação. A maioria das livrarias os aceita; o difícil mesmo, com respeitáveis exceções, é conseguir receber o acerto de vendas, por questões variadas, sempre pautadas no poder explícito e no desrespeito à pequena editora.

Depois de *Todos os Sentidos*, editei ainda *Professores contam sua cidade: São Pedro da Aldeia em foco*, por professores da Faculdade de Educação da UERJ (campus São Gonçalo), e a coletânea de ensaios *Espaços e Tempos de Educação*, cotizado pelos integrantes do Núcleo de Trabalhos e Estudos em Educação da BRASA (congresso internacional de 2004, na PUC-Rio), lançada neste Seminário (09/11/2004).

Nesse período de um ano, tive que rejeitar 14 autores que me procuraram com seus originais, bons livros infanto-juvenis, poesia, crônicas e contos. Infelizmente, nem eles nem eu tínhamos verba suficiente para bancar a edição de um título e aguardar pacientemente os ventos do mercado. A frustração é grande: como editora, eu lamentava perder a possibilidade de um sucesso editorial; e os autores, que esperam a edição como um parto, sentem a negativa como ofensa pessoal, por mais que se explique a situação problemática.

Para encerrar, volto às questões propostas no início desta fala: *Com quantos títulos se faz um sucesso editorial? Quantos prêmios literários são necessários para um best seller? Quais são os índices de sucesso e de fracasso? Qual é o nó da questão e como desatá-lo? O mercado editorial comporta aventuras de amor ao livro? Quem edita, por que e para quê?*

Há evidentemente uma relação circular entre o projeto e as dificuldades de atuação no mercado editorial. O livro, a leitura, a circulação e distribuição, sua comercialização e mercado dizem respeito a políticas culturais. A premiação de uma obra nem sempre irá significar sucesso de público ou de vendas. As políticas, os programas e projetos de incentivo à leitura, além de geralmente paternalistas, mantêm apoios e esquemas pré-definidos. Para se criar produtos graficamente originais é

necessário um investimento absurdo em papel, tinta, equipamento. Por outro lado, raramente há vendagem significativa em linhas editoriais literárias e acadêmicas: grande parte dos ‘best sellers’ lista obras voltadas para determinados segmentos sociais, muitas vezes deflagradoras de um prazer imediato que proporciona ao público leitor a ilusão temporária que crêem necessária para suportar o cotidiano – através de mistificação e engodo.

O fato é que o conhecimento prático do fabrico do livro só se aprende no próprio fazer editorial. Aos poucos, em lançamentos, sessões de autógrafos, palestras em universidades, os livros vão saindo das caixas, ao encontro de leitores, provocando respostas interessantes e instigantes. Como falou Guinsburg, trata-se de uma opção de vida... ‘porque o livro é mais ou menos como aquela coisa do cacau de Jorge Amado. Pega no pé da gente. Quem trabalha com livros dificilmente sai da área, porque há todo um envolvimento difícil de objetivar’ (p 43).

Depois de tantas dificuldades, é necessária uma auto-análise: por que insisto em editar livros? Por amor ao livro-produto? Pela vaidade de concretizar uma idéia? Por pura teimosia? Para Jerusa Pires Ferreira, editar é ‘essa aventura humana, cultural, empresarial, universitária, que em vez de se esgotar, invade o próximo século. Vai, às vezes, perdendo espaços ou por vários motivos deixando de os ocupar, porém conquista, em razão ascendente, novos públicos e cumpre um importante papel social.’ (‘A proposta’, p. 24).

Falando por mim, sei que pretendo continuar fazendo livros, meus e dos outros, porque é um vício saudável, uma história de gostoso prazer e desconcertante fruição.

Bibliografia

- FERREIRA, Jerusa Pires; GUINSBURG, Jacó et al. *Livros, Editoras & Projetos*. São Paulo: COM/ARTE/ Ateliê Editorial/ Bartira Editora, 1997
- LEAHY, C. *Seminovos em Bom Estado*. Niterói: C.L. Edições, 2003
- SCHNEITER, Fred & LEAHY, C. *Poemas dos Tempos – Duetos*. Niterói: C. L. Edições, 2003 (2ª ed.)
- SCHNEITER, Fred. *Csekö por Fred (conversa de músicos)*. Niterói: C.L. Edições, 2003
- LEAHY, Cyana (org.), SAVARY, Olga; VIGNA, Elvira; et al *Todos os Sentidos: contos eróticos por mulheres* (várias autoras). Niterói: C.L. Edições/ Rio: ZIT Gráfica e Editora, 2003
- FONTOURA, Helena A e PIERRO, G. *Professores Contam sua Cidade – São Pedro da Aldeia em Foco*. Niterói: C.L.Edições, 2004
- LEAHY-DIOS, Cyana (org.) e vários autores. *Espaços e Tempos de Educação* (ensaios). Niterói: C.L. Edições, 2004